

A ESCOLA DOMINICAL PRESBITERIANA: DISSEMINAÇÃO DE SABERES E PRÁTICAS EDUCATIVAS

Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do Nascimento *

Nicole Bertinatti **

RESUMO

Este texto propõe apresentar o modelo pedagógico das Escolas Dominicais Presbiterianas no Brasil, caracterizando-as como um espaço de educação extraescolar presente nas igrejas protestantes. Tem o objetivo de analisar de que maneira as Escolas Dominicais Presbiterianas eram organizadas, verificando a metodologia utilizada. O recorte teórico-metodológico está pautado em Roger Chartier (1999), Dominique Julia (2001), Jorge Nascimento (2008) e Carlo Ginzburg (2007), os quais oferecem categorias de análise como representações, cultura escolar, educação extraescolar e método indiciário. Esse trabalho insere-se na perspectiva da Nova História Cultural, a qual permite aos pesquisadores de História da Educação ultrapassar barreiras do seu objeto de estudo, explorando outras áreas do conhecimento. As fontes utilizadas para o embasamento deste texto foram *Importância da Pedagogia Religiosa na Consolidação da Igreja Presbiteriana do Brasil* (KERR, 1925) e a *Primeira Convenção Regional das Escolas Dominicais no Rio de Janeiro* (REIS, 1909). Os resultados apresentam a Escola Dominical como um espaço de realização de práticas pedagógicas no qual o principal objetivo era ensinar a doutrina protestante por meio da Bíblia. As Escolas Dominicais tornaram-se um ambiente relevante de contato dos novos convertidos com a nova cultura religiosa, aprendendo a interpretar a Bíblia.

Palavras-chave: Escola Dominical Presbiteriana – Brasil – Práticas pedagógicas

ABSTRACT

PRESBYTERIAN SUNDAY SCHOOL: dissemination of knowledge and educational practices

This paper proposes to study the pedagogical model of the Presbyterian Sunday School in Brazil, characterizing it as a space for non-scholar education common in Protestant churches. We aim to analyze how the Presbyterian Sunday Schools were organized evaluating the methodology of teaching that was used. Our theoretical and methodological approach is based upon Roger Chartier (1999), Dominique Julia (2001), Jorge Nascimento (2008) and Carlo Ginzburg (2007), which offer categories of analysis such as: representations, school culture, extra-curricular education, and

* Doutora em Educação (PUC-SP). Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Educação/UNIT- Universidade Tiradentes. Endereço para correspondência: Universidade Tiradentes (UNIT). Av. Murilo Dantas, 300, Bl. F, Bairro: Farolândia, CEP: 49.032-490, Aracaju (SE). E-mail: ester.fraga@uol.com.br.

**Graduada em Pedagogia/UNIT - Universidade Tiradentes. Mestranda do Curso de Pós-Graduação em Educação/PPED/PROCAPS/GPHPE/UNIT. Bolsista da CAPES/PROSUP. Endereço para correspondência: Universidade Tiradentes (UNIT). Av. Murilo Dantas, 300, Bl. F, Bairro: Farolândia, CEP: 49.032-490, Aracaju (SE). E-mail: nicolebertinatti@yahoo.com.br

the indexical method. This work fits into the perspective of the New Cultural History, which enables researchers in History of Education to transcend the frontiers of their object of study, exploring other areas of knowledge. Our main documentary sources were *Importance of Religious Education in the Consolidation of the Presbyterian Church of Brazil* (KERR, 1925) and the *First Regional Convention of the Sunday Schools in Rio de Janeiro* (REIS, 1909). The results show Sunday School as a setting for the implementation of educational practices, where the main goal was to teach the Protestant doctrine through the Bible. The Sunday School became a relevant environment where new converts could meet with a new religious culture and learned to interpret the Bible.

Keywords: Presbyterian Sunday School – Brazil – Teaching practices

Introdução

Na perspectiva da Nova História Cultural, este trabalho insere-se na História da Educação, a qual tem possibilitado aos pesquisadores exceder barreiras, permitindo aos mesmos fundamentar teoricamente seus objetos de estudos, trocando informações e explorando outras áreas do conhecimento que vêm a enriquecer suas pesquisas. Diante disto, alguns conceitos e procedimentos metodológicos tornam-se importantes para a compreensão deste texto.

Compreendemos o método como uma maneira de proceder adequadamente diante de um determinado conteúdo. “O próprio método, portanto, passa a ser concebido como instrumento de trabalho, como ferramenta que pode ser bem ou mal utilizada” (GRESPLAN, 2005, p. 293), o qual exigirá do pesquisador uma execução aguda na elaboração de seu procedimento; é o que norteia uma pesquisa. Um dos procedimentos utilizados nessa pesquisa é o *método indiciário*, elaborado por alguns historiadores, como é o caso do italiano Carlo Ginzburg (2007), para auxiliar no desvelamento de práticas educacionais e culturais. Este método explicita a condição de que o pesquisador deve estar sempre se atendo às minúcias dos textos, não se baseando nas características mais visíveis e sim nas particularidades que formam o todo.

Este trabalho compreende que as Escolas Dominicais inserem-se nas práticas de educação extraescolar, levando-se em consideração que as práticas de ensino podem ser realizadas também

fora dos muros das escolas, embasando-se no conceito de cultura escolar elaborado por Dominique Julia (2001) quando afirma que

para além dos limites da escola, pode-se buscar identificar em um sentido mais amplo, modos de pensar e de agir largamente difundidos no interior de nossas sociedades, modos que não concebem a aquisição de conhecimentos e de habilidades senão por intermédio de processos formais de escolarização (JULIA, 2001, p.11).

As Escolas Dominicais foram um dos mais eficazes meios de disseminação do Protestantismo no Brasil, pois serviram como a fonte mais segura de conversão dos católicos pela leitura e pregação da Bíblia. Cabe aqui ressaltar o conceito de representação definido por Roger Chartier (1999), que diz que ao criarem representações, os indivíduos descrevem a realidade tal como pensam que ela é ou como gostariam que fosse. Dessa forma, os missionários viam nas Escolas Dominicais uma das maneiras de modificar a sociedade brasileira que, “no entendimento dos norte-americanos, [os brasileiros eram] ignorantes e supersticiosos sobre os preceitos bíblicos” (NASCIMENTO, 2007a, p.19).

Outro conceito útil para analisar as Escolas Dominicais como espaços educacionais é o de *educação extraescolar* que, segundo Jorge Nascimento (2008, p. 8), deve-se compreender

as prerrogativas que são próprias à escola como agência educativa e aquelas que estão em outros espaços, outras agências de Educação organizadas pelas práticas da vida social.

A agência educativa refere-se à educação formal de uma escola, enquanto a agência de educação organizada caracteriza-se por uma educação com objetivos traçados e uma organização consciente, porém fora dos muros da escola, com uma atividade que visa um aprendizado. Esse tipo de organização e relação dependerá do meio social em que o indivíduo estiver inserido, pois, além de frequentar a escola, eles praticam e inserem-se em outras atividades, as quais podem ser organizadas ou não. No caso das Escolas Dominicais, elas foram organizadas para atingir alguns objetivos, entre os quais, primordialmente, o de conversão por meio de estudos da Bíblia.

Este texto propõe-se a refletir sobre o modelo de educação oferecida nas Escolas Dominicais Presbiterianas no Brasil. A pertinência deste tema para a História da Educação encontra-se na compreensão do crescimento das Escolas Dominicais desde meados do século XIX e a propagação dos seus métodos pedagógicos, que possivelmente contribuíram para a disseminação da Pedagogia Moderna no Brasil, além de justificar-se pela insuficiência de estudos sobre esses métodos pedagógicos. As fontes empregadas para a fundamentação deste texto foram os livretos intitulados *Importância da Pedagogia Religiosa na Consolidação da Igreja Presbiteriana do Brasil* (KERR, 1925) e a *Primeira Convenção Regional das Escolas Dominicais no Rio de Janeiro* (REIS, 1909).

O protestantismo e a Escola Dominical

Os estudos realizados na História da Educação brasileira têm demonstrado que a religião e a educação sempre estiveram interligadas. Com a Reforma Protestante ocorrida no século XVI, uma nova identidade religiosa desenvolveu-se e, consequentemente, alguns conceitos e valores também foram modificando-se, uma vez que as pessoas passaram a ter acesso à leitura da Bíblia em sua língua vernácula, ao canto comum de hinos e às orações. Os reformadores publicavam impressos de linguagem popular, os quais favoreciam fácil acesso, possibilitando a leitura para os mais novos fiéis.

No Brasil, o Protestantismo começou a ser implantado no século XIX, com a circulação de

impressos por meio do trabalho desencadeado pelas Sociedades Bíblicas. As Sociedades Bíblicas eram associações voluntárias¹ que utilizavam como estratégia a oração e o discurso para instalar igrejas e escolas. Além disso, publicavam livros na imprensa e, antes mesmo de atuarem no Brasil, realizaram um programa em diversos países que tinha como intenção a divulgação da Bíblia na língua vernácula de cada povo. No Brasil venderam e distribuíram milhares de exemplares da Bíblia, além de livros, livretos, opúsculos, folhetos e panfletos.

Até a década de 50 do século XIX, foram introduzidos no Brasil aproximadamente 4.000 impressos protestantes pelas Sociedades Bíblicas, por meio de seus agentes e “colportores”. O agente geralmente era um missionário, com nível superior, e representante da instituição no país. O *colporteur* – palavra originária do francês – era o mascate, vendedor ambulante que levava sua mercadoria numa caixa de pinho quadrada. No Brasil, a palavra *colporteur* adquiriu outro sentido, passando a significar o vendedor de Bíblia (NASCIMENTO, 2007b, p. 93).

O plano de inserção do Protestantismo contava também com a implantação de escolas no Brasil, no caso a Escola Dominical que, “ao lado do culto doméstico dos ‘crentes’, tornou-se o núcleo de uma nova igreja e, em muitas localidades, a única igreja que o povo daquela área conhecia” (HAHN, 1989, p. 274). A Escola Dominical constituiu-se em importante preparação para o culto protestante, tornando-se uma prática formativa central de todas as suas igrejas. Ela configura-se como uma organização educacional caracterizada pelos ensinamentos bíblicos e pela doutrina de cada igreja protestante. A expressão *dominical* deve-se ao fato de acontecer aos domingos. Criada em 1781, por Robert Raikes, na Inglaterra, a escola dominical surgiu com o propósito de evangelizar crianças

¹ As associações voluntárias, também chamadas de sociedades voluntárias, ou sociedades de ideias, foram formas modernas de sociabilidade que ofereceram novos modelos associativos em meio a uma sociedade globalmente organizada em torno de uma estrutura corporativa hierárquica (ordens) e composta na essência por atores sociais coletivos. Teve início no século XVII na Inglaterra, mas desenvolveu-se principalmente na América do Norte durante o século XIX (NASCIMENTO, 2007b, p. 55).

que ficavam sem atividade durante os serviços de domingo. A escola de Raikes tinha como objetivo principal alfabetizar por meio da Bíblia e do catecismo, além de ministrar aulas de religião, com a intenção de reformar a sociedade, modificando-lhes o caráter por meio dos ensinamentos bíblicos.

A ideia de instalar Escolas Dominicais logo se espalhou por diversos países e, no Brasil, o exemplo de Robert Raikes foi seguido inicialmente pelo missionário metodista Justin Spaulding em 1836, ao implantar no Rio de Janeiro a Escola Dominical Sul-Americana, com mais de 40 crianças e jovens distribuídos em um total de oito classes. Contudo, a missão metodista encerrou-se no ano de 1841 e, conseqüentemente, a Escola Dominical².

No dia 19 de agosto de 1855, o casal Sarah Poulton Kalley e Robert Reid Kalley implantam em território brasileiro, na cidade de Petrópolis, no Rio de Janeiro, a Escola Dominical de modo definitivo. Em sua própria casa Sarah Kalley recebeu poucas crianças, ensinando-as cantos e orações, mas foi o suficiente para que o seu trabalho rendesse bons frutos e atingisse vários locais do Brasil. Em 1858, aquela Escola Dominical deu origem à primeira igreja protestante brasileira, a Igreja Evangélica Fluminense, local onde atualmente se encontra instalado o Colégio Opção. Como consequência dessa ação inicial, “até 1934, existiam 3.912 Escolas Dominicais com 14.832 professores e 166.164 alunos” (NASCIMENTO, 2007a, p. 19).

Por meio da ação missionária, o número de adeptos ao Protestantismo cresceu rapidamente e as casas evangélicas passaram a ser muitas, não obstante serem razoavelmente distantes. Sendo assim, o missionário Kalley orientou que todos que desejassem deveriam realizar em suas próprias casas o culto doméstico, assumindo a categoria de Escola Dominical, conduzida por leigos, faltando apenas os sacramentos, que deveriam ser feitos por um pastor. Com essa prática, as Escolas Dominicais foram crescendo e organizando-se cada vez mais, passando então a serem organizadas em congregações, pequenas células da igreja e, por último, tornavam-se uma nova igreja dirigida por pastores. Essas novas igrejas passavam então a ser o centro de outras novas Escolas Dominicais, conduzidas novamente por leigos, até concretizarem-se em

novas igrejas.

A Escola Dominical Presbiteriana

No Protestantismo, a educação cristã voltada para a formação espiritual, doutrinária e evangélica sempre esteve em primazia, sendo altamente valorizada, em especial pelos “reformados ou presbiterianos” (NASCIMENTO, 2004, p. 14). Os mesmos acreditavam que todas as suas conquistas se dariam por meio da educação. Sendo assim, a Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos da América criou, em 1837, a Junta das Missões Estrangeiras, que tinha por objetivo a difusão da fé evangélica (e da cultura norte-americana) entre outros povos do mundo, por meio das missões internacionais. Inicialmente enviou missionários para a Índia, Tailândia, China, Colômbia e Japão. O sexto país a ser contemplado foi o Brasil, para onde o primeiro missionário, o reverendo Ashbel Green Simonton, foi enviado em 1859 (NASCIMENTO, 2004, p. 20).

Logo que Simonton chegou ao Brasil percebeu a importância de uma estratégia educacional e, um ano após sua chegada, em abril de 1860, criou, no Rio de Janeiro, a primeira Escola Dominical Presbiteriana do Brasil. Em sua própria casa, Simonton contou com a presença de cinco crianças e utilizou a Bíblia, o Catecismo e o livro *O Peregrino* como instrumentos pedagógicos. Fundou a primeira Igreja Presbiteriana, também no Rio de Janeiro, em 1862, assim como o primeiro jornal evangélico do país, a *Imprensa Evangélica*, em 1864.

Os presbiterianos norte-americanos começaram a organizar escolas protestantes no Brasil a partir de 1870, fundando em São Paulo a Escola Americana, futuro Mackenzie College. Eles substituíram o método decoreba, aprender sem assimilar, pelo indutivo, método que tem como princípio partir de questões particulares para as conclusões generalizadas, e instituíram a coeducação dos sexos, enfatizando a experimentação e a verificabilidade, valorizando atividades como os trabalhos manuais e a Educação. A Escola Americana oferecia os

² Segundo Costa (2010, p. 4), em 1841 ou em 1842, Spaulding retornou aos Estados Unidos e “a missão Metodista só teria o seu reinício definitivo no Brasil em 05/08/1867, com a chegada do Rev. Junius Eastham Newman (1819-1895)”.

cursos primário, secundário e superior científico. Posteriormente, o Mackenzie College seria a escola modelo da missão presbiteriana, utilizando os métodos, os livros didáticos traduzidos e a organização similares aos das escolas públicas de Nova Iorque. Na escola primária anexa ao Mackenzie College, conhecida como *Escola Americana*, os futuros professores praticavam o novo método de ensino, que se propunha a ser “concreto, racional e ativo, denominado ensino pelo aspecto, lições de coisas ou ensino intuitivo”, ou seja, aliar a observação e o trabalho numa mesma atividade (NASCIMENTO, 2008, p. 6, 12, 13).

O método intuitivo substituiria a memorização, consistindo

na valorização da intuição como fundamento de todo o conhecimento, isto é, a compreensão de que a aquisição dos conhecimentos decorria dos sentidos e da observação” (SOUZA, 1998, p. 159).

Assim, o aluno passava a ser o sujeito da aprendizagem e o professor, o mediador, como mostra Carvalho (1998, p. 227) ao caracterizar o

método tradicional, [como] método em que os alunos se dobravam a rígidas prescrições gerais e o método moderno, o ensinamento é que se adaptava ao discípulo como centro do mundo escolar.

Para consolidar os novos princípios religiosos e sociais por meio das Escolas Dominicais, missionários presbiterianos norte-americanos iniciaram a produção de revistas pedagógicas religiosas, apresentando estratégias pedagógicas de remodelação das práticas religiosas e sociais por meio da apresentação de estudos bíblicos sistemáticos aplicados ao cotidiano. A instrução religiosa era dada aos alunos no próprio salão de culto ou numa sala anexa. Os alunos matriculados, que podiam ou não ser membros das Igrejas, eram classificados pela idade e, sob a direção de um professor, ou professora, estudavam a Bíblia e as doutrinas protestantes. Muitas vezes, os professores eram os próprios missionários e suas esposas, auxiliados pelos membros mais experientes da Igreja. As escolas dominicais presbiterianas eram abastecidas com as Revistas de Estudos Bíblicos publicadas pelo Conselho de Educação Religiosa do Brasil (NASCIMENTO, 2004).

De acordo com KERR (1925), a reconstrução espiritual vinha da força divina, sendo realizada pelo espírito de Deus e mediada por meio de ações humanas, no caso o professor, caracterizado como o principal mediador deste processo de reconstrução espiritual. Assim sendo, as Escolas Dominicais deveriam adotar métodos que realmente viessem a modificar a vida dos alunos, o que só seria possível se os professores fossem bem preparados.

Distanciando-se da educação tradicional, a qual se caracterizava como uma educação bancária, em que o aluno era visto de maneira fragmentada e não como um indivíduo completo, a Pedagogia moderna baseava-se também na visão de Pestalozzi, que defendeu que o professor não deveria simplesmente depositar conteúdos em seus alunos, como se a educação ocorresse de fora para dentro. Era preciso que o professor conhecesse o desenvolvimento físico, intelectual e moral do seu aluno, para que compreendesse como ele aprende, e então aplicaria métodos eficazes, a educação ocorrendo de dentro para fora. O professor estimularia a criatividade, desafiando seus alunos e auxiliando nas suas necessidades, e não os sobrecarregando com conteúdos sem que houvesse interpretação e entendimento.

A Figura 1, apresentada em uma das fontes, traz uma caricatura da concepção antiga do ensino em que o “P, no plano superior [da Figura 1] representa o professor. O D, no plano muito inferior, o

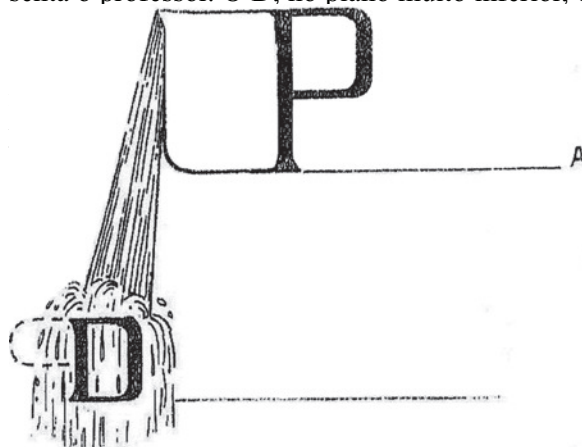


Figura 1: Concepção antiga do ensino (Caricatura).
Fonte: KERR, W. C. **Importância da pedagogia na consolidação da Igreja Presbiteriana do Brasil**. São Paulo: Irmão Ferraz, 1925.

Utilizando-se dessa concepção, a Escola Dominical buscou adaptar o espaço físico de suas salas de aula para que realmente ocorresse os princípios da Pedagogia moderna, com uma organização atraente e destinada conforme a idade. A Escola Dominical moderna conheceria e respeitaria a personalidade de seus alunos; sabendo da importância da imaginação e das gravuras, utilizar-se-ia disso

para tornar o espaço agradável e atrair seus alunos para Cristo. Diante disso, é possível perceber a preocupação das Escolas Dominicais em atender, de maneira coerente, a todas as faixas etárias, principalmente as crianças, que, de acordo com Comenius (2006, p. 100), os

(...) anos da infância e da primeira educação dependem de todo o resto da vida, se os espíritos não forem, desde o princípio, suficientemente preparados para as circunstâncias de toda a vida, não haverá mais nada a fazer.

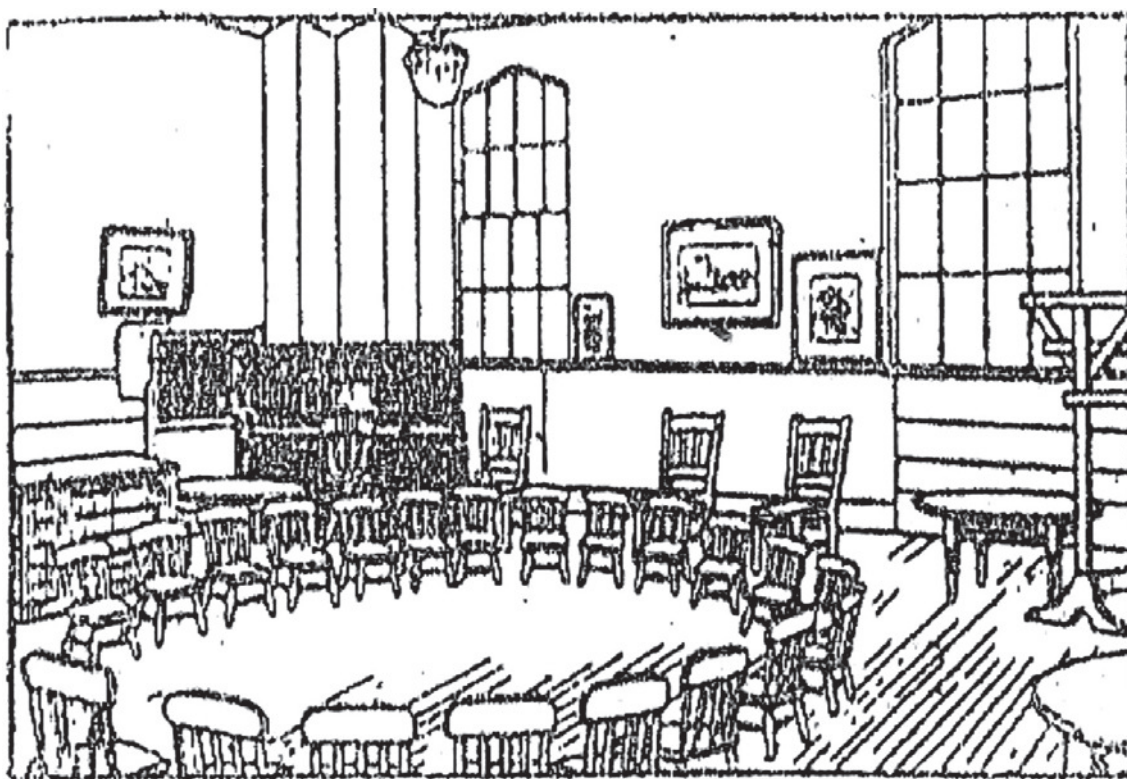


Figura 2: Departamento de Principiantes ou Jardim de Infância.

Fonte: KERR, W. C. **Importância da Pedagogia na Consolidação da Igreja Presbiteriana do Brasil**. São Paulo: Irmão Ferraz, 1925.

Para isso atraíam-nas com muitas gravuras e imagens, além das salas devidamente ornamentadas. Uma das fontes aqui analisadas apresenta o modelo de organização das salas de aulas das Escolas Dominicais.

A Figura 2 demonstra a preocupação na organização das salas de aula para o jardim de infância, as cadeiras eram colocadas de maneira estratégica para que as crianças ficassem próximas e visualizassem a todos, sem mesas, facilitando as atividades desti-

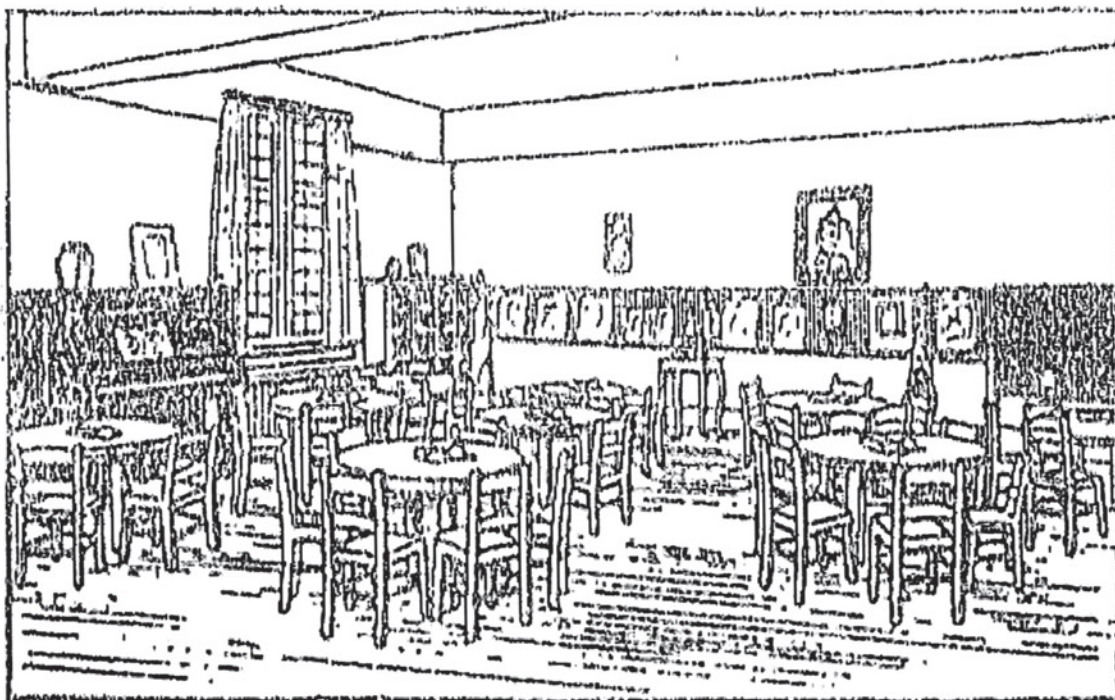


Figura 3: Departamento Primário.

Fonte: KERR, W. C. **Importância da pedagogia na consolidação da Igreja Presbiteriana do Brasil**. São Paulo: Irmão Ferraz, 1925.

nadas a essa faixa etária, enquanto as cadeiras para os professores eram posicionadas atrás. A ornamentação da sala também fica evidenciada na figura. A sala de aula para o Departamento Primário apresenta algumas características distintas (Figura 3).

Como as crianças, ricas em imaginação, também gostavam de ilustrações práticas e precisavam ser estimuladas, foi sugerido aos professores, segundo Glenn, que fizessem analogias com as coisas materiais e as espirituais. Glenn cita alguns exemplos:

Aqui temos uma boa ilustração de pecado; esta linha é muito fraca e facilmente se quebra. Ajuntemos mais alguns fios e torna-se mais difícil a partir-se, se juntarmos mais alguns fios ainda, não se quebrará: Assim é a força do pecado, cada vez que se repete torna-se mais forte até que enfim é impossível escapar de seus laços (GLENN *Apud* REIS, 1909, p. 18).

Esse exemplo foi um modelo de como o professor poderia encontrar ilustrações para quase todas as lições subjetivas, de maneira que a criança ficasse

se interessada e fosse algo prazeroso para ela.

Quanto ao método para ensinar os alunos, os que compreendiam a idade superior a 15 anos, Reis (1909, p. 15) sugeriu que o professor e o superintendente³ procurassem “levá-los a Jesus”, fazendo-os se interessar pelo desenvolvimento da escola, pois quanto mais interesse pela escola e engajados em atividades atrativas e prazerosas, menor seria o risco de perder esses membros e afastá-los da escola e, conseqüentemente, da Igreja. Caso contrário, isso poderia ser considerado “um erro estratégico”.

Para Braga (1909, p. 14), o que mais prejudicava a Escola Dominical era “a falta de bom senso”, compreendido por ele como a ciência de fazer tudo direito. Sendo assim, a Escola Dominical não necessitava de pessoas excepcionais ou condições extraordinárias, pelo contrário, bastaria ter bom senso, fazer tudo certo, começando pela escolha do professor. Os missionários estavam cientes de

³ O Superintendente é o responsável pela direção geral da Escola Dominical, ou seja, pelos seus membros – os alunos e os professores.

que cada cidade e povo possuem seus costumes distintos, variando até de bairro para bairro, o que ocasionava a variação dos métodos de ensinar aos maiores, cada qual atendendo a sua realidade. Contudo tinham escolhas que deveriam ser feitas com o mesmo cuidado em todas as Escolas Dominicais, pois uma das situações que mais a prejudicava era a má escolha dos professores, que muitas vezes era feita “devido antes ao parentesco com membros e oficiais da igreja do que às suas aptidões”.

O professor destinado ao ensino dos maiores, antes de tudo, deveria ser conhecedor profundo da Palavra de Deus, além de ter paciência, tato e firmeza. Jamais poderia tratá-los como crianças, a fim de fazer com que passassem vergonha, e lembrar sempre de que estes alunos já possuíam suas próprias ideias e pensavam por si mesmos. O professor também ganharia a confiança de seus alunos sendo sincero com eles. Por exemplo, em uma situação em que um aluno fizesse um questionamento para o professor e este não soubesse responder, não deveria enganá-lo ou ignorar sua fala, pelo contrário, deveria admitir que não tinha conhecimento da resposta, pedindo-lhe um prazo para que pudesse pesquisar e então responder. O aluno assim sentiria confiança pelo professor, pois este teria sido honesto em assumir que não sabia.

O bom professor, além das qualidades e competências já descritas, deveria também ser pontual em suas aulas, pois uma das causas da falta de êxito em muitas classes era justamente a impontualidade do professor. Este que “chega depois da hora, não tem a força moral precisa para incitar os alunos a serem pontuais e, o que é mais grave, pela sua conduta como instrutor eleva a impontualidade à altura de um princípio perante seus alunos” (REIS, 1909, p. 14), ou seja, o professor deveria ser o exemplo. Braga (1909, p. 14) cita ainda que não se espantaria se os alunos que frequentavam uma Escola Dominical, cujos professores se atrasassem para as aulas, passassem a se atrasar diante de suas obrigações quando adultos, afinal tomaram como princípio o atraso do professor, o qual serviu de exemplo.

Ter bom senso e saber selecionar bem os professores para que estes conquistassem a confiança dos alunos contemplaria uma Escola Dominical de sucesso e interesse para os alunos maiores, sem que estes se afastassem da Palavra de Deus e da

Escola Dominical.

Glenn mencionava que o professor deveria ter um planejamento do seu trabalho. Precisaria calcular o tempo da lição e procurar atividades para preencher a hora, sem exageros, para não sobrecarregar as crianças, porém sem muito tempo de ócio, pois se as atividades acabassem antes do horário a turma ficaria dispersa, e uma turma de crianças não poderia ficar parada. Se elas não tivessem com o que se distrair o professor acabaria perdendo o domínio da classe, afinal “se ele mesmo não guia a classe, esta há de guiá-lo” (GLENN *apud* REIS, 1909, p. 17). Por isso, para não perder a ordem e o domínio, o professor deveria planejar suas aulas com atividades interessantes e ocupando todo o horário previsto. Reforçava ainda que o professor deveria falar breve e concisamente. Seus questionamentos para a turma sobre as lições deveriam ser bem diretos e claros, de maneira que a criança logo compreendesse a pergunta e fosse capaz de responder sem fazer confusão em seu pensamento; uma boa pergunta consistia em ter clareza. Na classe que já estivesse mais adiantada e seus alunos fossem alfabetizados, o professor deveria acompanhar a leitura explicando cada passagem da história. Já naquelas turmas em que as crianças ainda não soubessem ler, o professor contaria a história de maneira que elas pudessem imaginar cada cena em “tempo real”.

No entanto, a Escola Dominical e a educação religiosa também encontraram vários obstáculos nas igrejas do Brasil, como a constatação do alto nível de analfabetos, principalmente nas zonas rurais. Isto se apresentou como um problema para a Escola Dominical, em que a única medida nessa situação era colocar em prática o programa de Raikes, criando classes de alfabetização. Outro obstáculo foi a utilização dos métodos baseados na Pedagogia moderna, pois muitas pessoas apresentaram objeções quanto à organização ou à utilização desses métodos, o que para Kerr era normal, pois “todas as ideias novas são combatidas”, no sentido de condenadas (KERR, 1925, p.22).

A falta de literatura para auxiliar os professores de crianças com idade entre três e sete anos, assim como a incompatibilidade da literatura para alunos de nível intermediários e para as igrejas rurais, pois

nenhuma se adaptava à realidade, foram problemas enfrentados pelos líderes protestantes. Entretanto Kerr destacava que o maior dos obstáculos era “a falta de professor habilitado”, o qual supria “todas as lacunas” (KERR, 1925, p.26).

A importância das Escolas Dominicais foi por diversas vezes reafirmada por Tucker (1909, p. 13) ao mencionar a primeira Escola Dominical, criada por Robert Raikes na Inglaterra, e sua propagação na Europa, nos Estados Unidos e em outros países por meio do movimento missionário. Em 1909, foram apresentados dados informando a existência de aproximadamente 250.000 Escolas Dominicais no mundo e com mais de 25.000.000 de membros, tornando-se um argumento forte para demonstrar o valor das Escolas Dominicais. Tucker afirmava ainda que se não tivesse grande relevância e contribuição para a igreja evangélica, as Escolas Dominicais não apresentariam esse crescimento e investimentos empregados para a sua propagação e bom funcionamento, afinal existia também uma verba destinada para sua difusão.

O resultado e a importância das Escolas Dominicais foram novamente reforçados por estatísticas que diziam que mais de “cinco sextos dos membros recebidos nas igrejas evangélicas vinham diretamente das Escolas Dominicais” (REIS, 1909, p. 12).

Considerações Finais

Os resultados aqui reunidos apresentam a Escola Dominical como uma prática pedagógica, cujo principal objetivo era ensinar a doutrina protestante por meio da Bíblia. As Escolas

Dominicais foram um dos mais eficazes meios de disseminação do Protestantismo no Brasil. Serviram como a fonte mais segura de conversão dos católicos por meio da leitura e pregação da Bíblia, sendo uma estratégia para atrair novos adeptos ao Protestantismo.

A Escola Dominical era idealizada como uma instituição imprescindível à igreja, existindo para levar melhor instrução ao povo sobre o conhecimento da Bíblia, sendo este o seu desígnio principal. A sua finalidade era ensinar a Palavra de Deus por meio de professores bem preparados para conduzir os cristãos ao “serviço de Deus e da humanidade” (REIS, 1909, p. 13), com o poder de instruir para a salvação por meio da fé em Cristo Jesus.

As Escolas Dominicais foram crescendo e organizando-se cada vez mais, passando então a ser organizadas em congregações, pequenas células da igreja e, por último, tornavam-se uma nova igreja dirigida por pastores. Essas novas igrejas passavam então a ser o centro de outras novas Escolas Dominicais, conduzidas novamente por leigos, até concretizar-se uma nova igreja.

Foi possível perceber as características que o professor da Escola Dominical deveria possuir. Ter paciência, tato, firmeza e ser conhecedor profundo da Palavra de Deus, além de conquistar a confiança dos seus alunos. Em suma, o professor necessitava ter conhecimento da pedagogia, seus princípios e metodologias adequadas a cada sala de aula; ele era o ponto fundamental para o sucesso de uma Escola Dominical.

REFERÊNCIAS

- BRAGA JUNIOR, J. F. **Quais os métodos mais práticos de ensinar aos maiores**. Rio de Janeiro: Typ. Methodista, 1909.
- CARVALHO, Marta Maria Chagas de. **A escola e a República e outros ensaios**. Bragança Paulista: EDUSF, 2003.
- CARVALHO, Marta Maria Chagas. **Molde nacional e forma cívica: higiene, moral e trabalho no projeto da Associação Brasileira de Educação, 1924-1931**. Bragança Paulista: EDUSF, 1998.
- CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII**. 2 ed. Brasília: EDUNB, 1999.
- COMENIUS. John. **Didática Magna**. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

COSTA, Hermisten Maia Pereira da. **A origem da escola dominical no Brasil**: esboço histórico. Maringá: [S.: n.], 2010, 14 p. Disponível em: <http://docs.google.com/viewer?a=v&q=cache:9IjnzZHGelwJ:www.mackenzie.br/file-admin/Graduacao/EST/DIRETOR/Introducao_a_Educacao_Crista__15_-_Final.pdf>. Acesso em: 17 jun. 2010.

GINZBURG, Carlo. **O fio e o rastro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

HAHN, Carl Joseph. **História do culto protestante no Brasil**. São Paulo: Aste, 1989.

GRESBAN, Jorge. Considerações sobre o método. In: **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 291-295.

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**, Campinas: Autores Associados, n.1, p.9-43, jan./jun, 2001.

KERR, W. C. **Importância da pedagogia na consolidação da Igreja Presbiteriana do Brasil**. São Paulo: Irmão Ferraz, 1925.

NASCIMENTO, Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do. **A escola americana**: origens da educação protestante em Sergipe, 1886-1913. São Cristóvão: UFS, 2004.

_____. **Imprensa protestante nos oitocentos**: projeto de pesquisa. Aracaju: UFS, 2007.

_____. **Educar, curar, salvar**: uma ilha de civilização no Brasil tropical. Maceió: EDUFAL, 2007.

NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. **A escola de Baden-Powell**: cultura escoteira, associação voluntária e escotismo de Estado no Brasil. Rio de Janeiro: Imago, 2008.

REIS, Álvaro (Presidente da convenção). **Primeira convenção regional das escolas dominicais no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Typ. Methodista, 1909.

SOUZA, Rosa Fátima de. **Templos de civilização**: a implantação da escola primária graduada no Estado de São Paulo, 1890-1910. São Paulo: EDUNESP, 1998.

TUCKER, H. C. **A grande importância da escola dominical**. Rio de Janeiro: Typ. Methodista, 1909.

Recebido em 31.08.10

Aprovado em 05.12.10